

que fforão os ditos seys anos a Jõ a.º recebedor e sam caregados sobre ele e r.<sup>ta</sup> no livero do dito senhor—E por q. he berdade q. recebeo os  $\overline{\text{b}}\overline{\text{j}}\overline{\text{xx}}$  rrs. dos ditos officiaes dos ditos seys anos pydirã asy esta qtaçam p.<sup>a</sup> terẽ p.º sua guarda e guarda do dito cõcelho e ho dito cõtador lha mãdou dar e aquall os dá p. quytes e livres dos ditos seys anos doje p.<sup>a</sup> todo sempre e jamays p.º ello nõ posam ser demãdados e juizo nõ ffora delle. E p.º fformeza dello asynou aquy ho dito cõtador e recebedor. ffeyta p. my G.º gyll espvão dos *contos* (?) no sobredito dia mes e era—E sy resguardo os anos atras querẽdo os o dito Sor. mãdar arecadar—(Assignaturas) pg xx rrs.

O original está no arquivo da Junta de Paróquia de S. Pedro da Ericeira.

3 de Junho de 1909.

J. OLIVEIRA LOBO E SILVA.

### Inscrição romana de Lorvão

Havendo-me informado o Sr. Braamcamp Freire, por intermédio do Sr. Pedro de Azevedo, de que no mosteiro de Lorvão, concelho de Penacova, por ocasião de se proceder a obras para a instalação do pòsto do registo civil, apparecêra uma lápide sepulcral romana, dirigi-me ao Sr. Dr. Henrique Sena Carvalho, administrador do concelho, pedindo-lhe que me obtivesse a pedra para o Museu Etnológico: e S. Ex.<sup>a</sup>, com uma solicitude que bem mostra a sua illustração, e que não é vulgar nas nossas repartições públicas, enviou-me pouco depois a lápide. Esta é de calcáreo, tem forma de tábula rectangular, e mede  $1^m,39 \times 0^m,66 \times 0^m,12$ .

Numa das faces maiores lê-se a seguinte inscrição (letras elegantes do séc. I): de  $0^m,065$  a  $0^m,07$  de altura:

G † VALERIVS IVLIANVS † SEILIENSIS  
ANNORVM † XVIII † H † S † E † S † T † T † L † ♡  
M ♡ ANTONIVS IVLIANVS  
FRATRI PIISSIMO †  
FACIENDVM ♡ CVRAVIT

O sentido da inscrição é: «Caio Valerio Juliano, Seiliense, falecido na idade de 18 anos, está aqui sepultado. Seja-te leve a terra. Marco António Juliano mandou fazer este monumento à memória de seu dedicadíssimo irmão».

Vê-se que os dois irmãos que figuram na inscrição o são só pela mãe, e não pelo pai, pois que os seus gentilícios diferem um do outro (*Valerius, Antonius*). A mãe tinha casado pois duas vezes. O cognome, formado com o sufixo *-anus*, é comum a ambos, e deriva provavelmente do gentilício da mãe, que seria *Iulia*. A existência dos *tria nomina* mostra que temos diante de nós uma família de condição livre.

O epíteto pátrio *Seiliensis* traz-nos à mente o adjectivo geográfico *Seilensis* de uma inscrição galega do *Corpus*, II, 2562, e o nome *Sellium*, que nesta forma figura no *Itinerário* de Antonino como designativo de uma povoação situada entre *Scallabis* e *Conimbriga*, e que na forma *Σέλιον* figura na *Geografia* de Ptolemeu, II, 5. Relaciona-se com um dos dois, ou com uma terceira povoação? Faltam elementos seguros para responder; todavia, como o *Sellium* do *Itinerário* fica a meia distância entre *Scallabis* «Santarem» e *Conimbriga* «Condeixa», e como Lorrvão não dista muito de Condeixa, é bastante provável que *Seiliensis* não se refira a uma terceira povoação, e se relacione antes com *Sellium* do que com o galego *Seilensis*: nesse caso seriam erróneas as formas *Sellium* e *Σέλιον*, que deveriam substituir-se respectivamente por *Seilium* e *Σείλιον*. Não se me objecte dizendo que contra a inscrição temos dois textos quasi concordantes, Ptolemeu e o *Itinerário*, sem *ei*: não só a concordância não é tal, que em dois manuscritos do *Itinerário* não haja as variantes *Cellium* e *Cellum*<sup>1</sup>, e Ptolemeu não tenha um só *l*, ao passo que o *Itinerário* tem dois, mas este é tardio, supõe-se ser dos últimos tempos do séc. II, e baseia-se talvez na mesma fonte que o texto de Ptolemeu. Nada mais fácil do que num manuscrito com *SELLIVM* o primeiro *i* ser tomado por *L*, donde *SELLIVM* (*Itinerário*), ou *IL* serem tomadas por *Λ*, donde *SEAION* (Ptolemeu); além disso não faltam exemplos de correspondência de *ll* a *l* em nomes peninsulares, como se vê em: *Scallabis*—*Scalabis*, *Ispali*—*Ispallenses*, *Ἰλιπα*—*Ἰλιπα*—*Ilipa*, *Iliberris*—*Ἰλιβήρη*, *Βαλικριδές*—*Βαλλικριδές*, *Calecula*—*Καλλήκουλα*, *Γέλλα*—*Gela*, *Ilici*—*Ἰλικιτανός*; nem faltam também correspondências entre *ei* e *e*: cfr. *Medóbrega*—*Meidubrigenses*. O texto da inscrição deve merecer toda a fé, porque é muito elegante, e não se admitiria nele um grosseiro erro como *SEILIENSIS* por *SELLIENSIS*, tanto mais que não custava nada emendar o primeiro *i* em *L*, se o lapicida se tivesse enganado.

J. L. de V.

<sup>1</sup> Ed. de Amsterdão, 1735, p. 421. Cf. também *Notícias Arqueológicas de Portugal*, Lisboa 1871, p. 98.